



NEM TUDO O QUE É INCOMPREENSÍVEL DEIXA DE EXISTIR: O INFINITO E AS LIMITAÇÕES DA RAZÃO HUMANA SEGUNDO PASCAL

João F. N. B. Cortese¹



Resumo: “Incompreensível. Nem tudo o que é incompreensível deixa de existir. O número infinito, um espaço infinito igual ao finito” – assim escreve Pascal em uma célebre passagem dos seus *Pensamentos*. Pascal não vê na incompreensibilidade de algo um impedimento para a sua existência: não deveríamos negá-la em função dos limites de nosso pensamento. Tal princípio, como expomos neste artigo, é caro a Pascal tanto no domínio científico e matemático quanto no filosófico e religioso. Seu lugar particular de aparição diz respeito ao infinito, e a como a razão humana é limitada para a compreensão deste.

Palavras-Chave: Blaise Pascal. Incompreensibilidade. Infinito. *Pensamentos*. Geometria projetiva.

Abstract: “Incomprehensible. Not everything that is incomprehensible ceases to exist. Infinite number, an infinite space equal to the finite” – thus writes Pascal in a famous passage from his *Pensées*. Pascal does not see the incomprehensibility of something as an impediment to its existence: we should not deny it based on the limits of our thought. This principle, as we explain in this article, is dear to Pascal in both the scientific and mathematical domains as well as in the philosophical and religious ones. Its particular place of appearance concerns the infinite, and how human reason is limited in its comprehension..

Keywords: Blaise Pascal. Incomprehensibility. Infinity. *Pensées*. Projective Geometry.

¹ Professor de Filosofia no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP), onde coordena o Biófilo – Laboratório de Filosofia e Biologia (<https://biofilo.ib.usp.br/>). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3324430832612696> E-mail: joao.cortese@usp.br

1 Introdução

“nada há que possa fazer não ser o que é”
(18ª Carta Provincial)²

“Incompreensível. Nem tudo o que é incompreensível deixa de existir. O número infinito, um espaço infinito igual ao finito” – assim escreve Pascal em uma célebre passagem dos seus *Pensamentos*.³ Pascal não vê na incompreensibilidade de algo um impedimento para a sua existência: não deveríamos negá-la em função dos limites de nosso pensamento. Tal princípio, como veremos, é caro a Pascal tanto no domínio científico e matemático quanto no filosófico e religioso. O que não significa de modo algum que Pascal seja um irracionalista: em pleno século XVII, de êxito das ciências e de preâmbulo às Luzes, ele reconhece os limites da razão, mas não é por isso que esta deixa de ter qualquer validade – apenas, a cada “qualidade” humana, é preciso reconhecer seu domínio próprio, como vemos no fragmento Laf. 170/Sel. 201:

~~Submissão. Deve-se saber duvidar essas três qualidades Pirrônico, geômetra, cristão. Submissão. dúvida, & elas concordam & se temperam ao duvidar~~ onde é preciso, ter certeza onde é preciso, submetendo-se onde é preciso. Quem não faz assim não ouve a força da razão. Existem pessoas que falham nesses três princípios: ou tendo certeza de tudo como demonstrativo, falta de conhecer-se em demonstração, ou duvidando de tudo, falta de conhecer-se onde é preciso se submeter; ou submetendo-se a tudo, falta de saber onde é preciso julgar.⁴

Como podemos depreender desse fragmento, Pascal acredita que a razão tem seu poder, e que se deve ser demonstrativo e ter certeza onde isso cabe – abusar de tal poder é falhar nesse princípio. É assim que é preciso “temperar”, ou seja, harmonizar, a força do geômetra, que é a de demonstrar, mas também a do pirrônico, que é a de duvidar, assim como a do cristão, que é a de se submeter. É, portanto, próprio da razão saber quando se submeter.⁵

² Gostaria de agradecer ao Flavio Loque e ao Ricardo Mantovani pela leitura de uma primeira versão deste texto.

³ Laf. 149/Sel. 182. Fazemos referência aos fragmentos dos *Pensamentos* nas edições Lafuma (Laf.) e Sellier (Sel.). Quanto à tradução da obra, seguimos a de Mario Laranjeira (Blaise Pascal, *Pensamentos*. 2a. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2005), com pequenas modificações.

⁴ Apresentamos, para este fragmento, a “transcrição crítica” da *Édition électronique des Pensées de Blaise Pascal* feita por Dominique Descotes e Gilles Proust, disponível em <http://www.penseesdepascal.fr/Soumission/Soumission4-savante.php> (acesso em 31 de julho de 2023). Nela, é possível ver o processo de escrita de Pascal, inclusive o que foi riscado por ele.

⁵ Ver também Laf. 174/ Sel. 205: “Santo Agostinho. A razão nunca se submeteria se ela não julgasse que há ocasiões onde ela deve se submeter. É, portanto, justo que ela se submeta quando ela julga que deve se

Se a razão deve admitir seus limites, daí deriva que a existência do que é incompreensível não poderia, apenas por isso, ser negada em função da finitude do intelecto humano. Pascal, de quem se conhece a famosa frase “zombar da filosofia é verdadeiramente filosofar”,⁶ é um autor que situa a existência da realidade acima do que à categorização desta pelo pensamento: nossa capacidade intelectual não deveria ser uma limitação à verdade. É assim que se pode qualificar a atitude de Pascal como uma “abertura estupefata à realidade”, respeitando o princípio de que a “a realidade é superior à ideia”.⁷

Significaria tal postura um “realismo” de parte de Pascal? Pode-se pensar que sim, se isso significa uma sensibilidade ao real que não seria impedida por um arcabouço conceitual. Mais do que “pessimista” ou “trágica”, sua visão sobre o homem, em particular, seria realista na medida em que não aceita que se deforme o ser humano para que se faça dele uma imagem tal qual se deseja: como escreve Pascal na 18ª Carta Provincial, “nada há que possa fazer não ser o que é”.⁸ Como escreve Laurent Thirouin,

Disseminada ao longo de toda a obra [de Pascal], desenvolve-se uma meditação sobre o poder das palavras e a resistência das coisas que acaba por constituir um corpo doutrinário original e coerente: uma posição filosófica sobre o estatuto da realidade e ao mesmo tempo disciplina que o pensador se impõe.⁹

É a tal atitude que gostaríamos de dedicar o presente texto, discutindo o modo pelo qual Pascal defende, em relação às limitações da razão humana, a necessidade de uma abertura à aceitação do incompreensível, inclusive aquele incompreensível por excelência que é o infinito de Deus.

submeter”. Pode-se entender que, no vocabulário pascaliano, a razão é “tirânica” quando não encontra seu justo lugar – Thibaut Bagory, “Pascal ou l’autorité d’un géomètre”. Comunicação no Colóquio para o Quadricentenário no nascimento de Blaise Pascal, Universidade de Bucareste, 20 de maio de 2023.

⁶ Laf. 513/Sel. 671.

⁷ São expressões do Papa Francisco na Carta Apostólica *Sublimitas et miseria hominis*, publicada em 19 de junho de 2023, por ocasião do quadricentenário do nascimento de Pascal.

⁸ Blaise Pascal, *As Provinciais*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo, Filocalia, 2016, p. 279.

⁹ Laurent Thirouin, “Le réalisme de Pascal”. In: *Justice et force. Politiques au temps de Pascal*. Clermont-Ferrand, 1990, p. 347-363.

2 O homem como um “monstro”: os limites da razão para a compreensão antropológica

Pascal não poupa palavras para qualificar a miséria do homem sem Deus:

Conheceí, pois, soberbo, que paradoxo sois para vós mesmo! Humilhai-vos, razão impotente! Calai-vos, natureza imbecil! Aprendeí que o homem ultrapassa infinitamente o homem e ouvi de vosso Mestre vossa condição verdadeira que ignorais. Escutai a Deus.¹⁰

Notemos que Pascal qualifica a condição do homem como um “paradoxo” – tal fragmento apresentando o único uso do vocábulo nos *Pensamentos*. Pode-se entender tal termo no sentido daquilo que vai além da compreensão humana, mas não no sentido daquilo que seria contraditório em si mesmo: nem tudo o que supera a razão humana é em si mesmo contraditório.¹¹ Do mesmo modo, tanto o infinito em si mesmo quanto aquilo que em muito nos supera (o muito grande, que nos leva ao “silêncio eterno desses espaços infinitos”¹², sem por isso ser infinito) nos são incompreensíveis, mas não é por isso que eles sejam o mesmo – retornaremos a isso.

No que se refere à situação do homem, é preciso considerar o contexto do fragmento Laf. 131/Sel. 164: nele, Pascal discute as posições dos “dogmáticos” e dos “pírrônicos”, e como o homem está condenado a oscilar entre esses dois lados devido à sua condição corrompida.

Uma análise semelhante sob certo aspecto aparece na *Conversa com o Senhor de Sacy*: Pascal opõe aí as posições de Montaigne e de Epiteto, cada uma das quais representaria um extremo em relação à avaliação da condição humana: se o ceticismo, na opinião de Pascal, leva a uma visão do homem como demasiado baixo, por outro lado o estoicismo, ao exaltar o homem, teria o risco de levá-lo a uma postura de orgulho.

Neste sentido, cabe citar um fragmento dos *Pensamentos* que tem a forma praticamente de um poema. Sobre o homem, Pascal escreve:

¹⁰ Laf. 131/Sel. 164.

¹¹ Em João F. N. B. Cortese, *Infini et Disproportion chez Pascal*. Paris, Honoré Champion, 2023, apresentamos uma distinção entre paradoxo e contradição no contexto da discussão da relação entre incompreensibilidade e infinito. Uma versão em português ligeiramente modificada dessa discussão já aparece em João F. N. Cortese, *O infinito em peso, número e medida: a comparação dos incomparáveis na obra de Blaise Pascal*. Tese de doutorado, Universidade de Paris 7 – Denis Diderot e Universidade de São Paulo, 2017, seção 14.2.1.

¹² Laf. 201/Sel. 233.

Se ele se exalto, eu o rebaixo
Se ele se rebaixa, eu o exalto
E o contradigo sempre
Até que ele compreenda
Que é um monstro incompreensível.¹³

Pascal caracteriza aqui o homem como um “monstro”, assim como escreve em Laf. 131/Sel. 164 que ele é uma “quimera” e um “motivo de contradição”. Segundo Gérard Ferreyrolles, “o homem é monstruoso pela sua heterogeneidade: ele é um conjunto díspar de ‘contrariedades’, assim como a quimera é composta de cabeça de leão, de corpo de cabra e de cauda de serpente”.¹⁴

Encontramos aqui o homem em sua grandeza e em sua miséria, temática importante do maço¹⁵ *Contrariedades*. Quanto ao termo “contradizer” (*contredire*), ele deve remeter àquilo que é “dito contra”, e não a uma “contradição” em nível ontológico. De modo que “contradizer” o homem não implica afirmar uma contradição, já que a grandeza e a miséria do homem são afirmadas em relação a aspectos distintos do homem: ele é grande no que diz respeito à sua natureza original, e miserável quanto àquela atual. Não há contradição em si mesma porque os aspectos em que grandeza e miséria se opõem não são os mesmos¹⁶ – o que ocorre é que, para o homem, apenas por seu intelecto, é impossível conjugar tais aspectos. O homem é um “monstro incompreensível”, mas isso ocorre apenas porque ele não pode tomar a posição correta para se julgar.¹⁷ A incompreensibilidade absoluta não é a resposta final de Pascal, pois ele pensa ser possível “conciliar tais contrariedades”.

Na *Conversa com o Senhor de Sacy*, como vimos, Pascal opõe os extremos representados por Epiteto e por Montaigne. Sobre essas duas posições, ele escreve que é “a partir dessas luzes imperfeitas que acontece que um, conhecendo o dever do homem e ignorando sua impotência, perde-se na presunção, e que o outro, conhecendo a impotência e não o dever, tomba na indolência”, de modo que tais posturas levam cada uma a excessos em

¹³ Laf. 130/Sel. 163.

¹⁴ Nota em Blaise Pascal, *Pensées*. Ed. P. Sellier, notas de G. Ferreyrolles. Paris, Le livre de poche, 2000, p. 116.

¹⁵ Os fragmentos dos *Pensamentos*, tais como foram encontrados após a morte de Pascal, estavam reunidos em maços (*liasses*).

¹⁶ Lembremos que, para Aristóteles, o Princípio de não-contradição indica que “é impossível que a mesma coisa pertença e não pertença ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto à mesma coisa” (*Metafísica*, livro Gama, cap. 3, 1005b19-20; grifos nossos).

¹⁷ Apresentamos tal interpretação em João F. N. Cortese, *O infinito em peso, número e medida*, op. cit., p. 485.

extremidades opostas. Uma “moral perfeita”, escreve Pascal, existiria caso se pudesse aliar o que cada uma dessas posições tem de verdade, apresentando tanto a “grandeza” do homem quanto a sua “fraqueza”. Mas por si mesmas elas levam a uma “guerra e destruição geral”, de modo que “se quebram e se aniquilam para dar lugar à verdade do Evangelho”. É apenas esta que, segundo Pascal,

concilia as contrariedades por uma arte totalmente divina: unindo tudo o que há de verdadeiro e afastando tudo o que há de falso, [ela] forma uma sabedoria verdadeiramente celeste na qual se conciliam os opostos, que eram incompatíveis nessas doutrinas humanas. E a razão é que esses sábios do mundo colocavam os contrários num mesmo sujeito, pois um atribuía a grandeza à natureza e o outro a fraqueza à mesma natureza, o que não podia se sustentar, ao passo que a fé nos ensina a colocá-los em sujeitos diferentes; tudo o que há de enfermo pertence à natureza, tudo o que há de poderoso pertence à graça.

Eis a surpreendente e nova união que somente um Deus poderia ensinar, e que somente ele poderia fazer e que não é senão uma imagem e um efeito da união inefável de duas naturezas na pessoa única do Homem-Deus.¹⁸

É assim que a antropologia pascaliana, identificando aspectos opostos no homem – em primeiro lugar sua grandeza e sua miséria – não pode conciliá-los senão a partir de uma referência que está além do homem: o Cristo, Homem-Deus que, ao se encarnar, une a natureza humana àquela divina.

Sem a aceitação daquilo que é incompreensível à razão humana, é impossível, segundo Pascal, assumir verdadeiramente a grandeza e a miséria do homem. Tal aceitação da incompreensibilidade aparece também quanto a aspectos teológicos (como veremos abaixo, é o caso para a Queda e para a transmissão do pecado) – mas, antes de abordarmos isso, vejamos como o incompreensível é aceito por Pascal mesmo no âmbito das matemáticas.

3 Um caso notável de aceitação da incompreensibilidade na matemática pascaliana: a geometria das cônicas

O primeiro domínio matemático no qual Pascal trabalhou foi a geometria projetiva,¹⁹ sob a influência de Girard Desargues (1591-1661).²⁰ Em 1639, este engenheiro de Lyon

¹⁸ Blaise, Pascal, *Entretien avec M. de Sacy sur Epictète et Montaigne. Original inédit*. Ed. J. Mesnard e P. Mengotti-Thouvenin. Paris, Desclée de Brouwer (Les carnets), 1994, p. 125-126; trad. de Flavio Loque em Blaise Pascal, *Conversa com o senhor de Sacy sobre Epiteto e Montaigne*. São Paulo, Alameda, 2014, p. 79-80.

¹⁹ Embora para alguns historiadores da matemática só possamos falar em “geometria projetiva” a partir do século

publicou o *Esboço de projeto de um ensaio sobre os eventos de encontros de um cone com um plano*,²¹ ao qual geralmente faz-se referência simplesmente como *Brouillon project*. Este escrito apresenta alguns princípios de projetividade e os aplica ao estudo das seções cônicas como a parábola, a elipse e a hipérbole. A dificuldade da leitura desse texto, constituído por uma série de metáforas biológicas, contribuiu para que fosse pouco lido no século XVII. No entanto, Pascal esteve em contato com Desargues no grupo do padre Marin Mersenne (1588-1648), que reunia os matemáticos franceses da época,²² e, aos 16 anos, começou a trabalhar nessa teoria, publicando o *Ensaio para as cônicas*.²³ Mais tarde, Pascal escreveu um tratado sobre as cônicas que foi perdido, do qual nos resta apenas uma das partes graças a uma cópia realizada por Leibniz: a *Geração das seções cônicas*.²⁴

Esta geometria, contrariamente à etimologia original do nome da disciplina, não considera medidas, mas sim as propriedades que são invariantes sob as relações de projeção e seção, e possui algumas propriedades interessantes, nomeadamente a introdução de elementos a distância infinita. As consequências disso são que retas paralelas se encontram a distância infinita, assim como que ambas as extremidades de uma reta se encontram a uma distância infinita. Tal inovação foi de grande importância no estudo das seções cônicas, pois considerar a parábola, a hipérbole e a elipse como projeções da circunferência do círculo permitia estudar suas propriedades de maneira mais geral e unificada do que aquilo que fora feito pelos geômetras gregos.²⁵

XIX, assumimos aqui que os trabalhos de Desargues e Pascal já podem ser chamados assim, por trazerem elementos fundamentais do que viria a ser esse domínio.

²⁰ Analisamos a geometria projetiva de Pascal no capítulo 12 de J. F. N. B. Cortese, *Infini et Disproportion chez Pascal*, op. cit., assim como no capítulo 13 de J. F. N. Cortese, *O infinito em peso, número e medida*, op. cit.

²¹ *Brouillon project d'une Atteinte aux evenemens des rencontres du cone avec un plan*. Tal texto foi editado por René Taton, *L'oeuvre mathématique de G. Desargues*. Paris, Vrin, 1951. Existe uma boa tradução para o inglês: Judith V. Field e Jeremy J. Gray, *The Geometrical Work of Girard Desargues*. New York, Springer, 1987.

²² A introdução de Pascal aos matemáticos da época veio através de seu pai, Étienne Pascal (1588-1651), ele mesmo um matemático e membro do círculo do Pe. Mersenne.

²³ Tradução em João F. N. B. Cortese, "O Ensaio Para As Cônicas de Blaise Pascal". *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 21, n. 42, 2021, p. 180-205.

²⁴ Tradução em João F. N. B. Cortese, "A 'Geração das seções cônicas' de Blaise Pascal". *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 23, n. 46, 2023, p. 158-178.

²⁵ Apresentamos uma breve introdução a tal abordagem matemática em João F. N. Cortese, "Leibniz e o paradigma da perspectiva". *Cadernos Espinosanos*, jan-jun 2016, p. 137-162.

Estudando o cone, Desargues escreve sobre o caso limite em que seu vértice está a uma distância infinita:

Se o vértice do rolo se encontra a distância infinita, o evento [a intersecção do plano com o cone, ou seja, a seção cônica] é inimaginável, e o entendimento é incapaz de compreender como podem ser os eventos que o raciocínio lhe faz concluir.²⁶

Um “rolo” é como Desargues chama um cilindro. Se aceitarmos elementos a uma distância infinita, um cone e um cilindro são identificados como duas espécies da mesma figura, uma com o vértice a distância finita (o cone) e a outra com o vértice a distância infinita (o cilindro). Mas isso, diz Desargues, “é inimaginável, e o entendimento é incapaz de compreender” como é possível. De fato, Desargues escreve no *Brouillon Project* que os resultados são “incompreensíveis” ou “inimagináveis”, embora aceite sua validade. Em relação às entidades matemáticas infinitamente pequenas ou infinitamente grandes, essas também são incompreensíveis:

a razão tenta conhecer quantidades infinitas de uma parte, conjuntamente das que são tão pequenas que suas duas extremidades opostas são unidas entre si [ou seja, respectivamente quantidades infinitamente grandes e infinitamente pequenas], e [...] o entendimento aí se perde, não somente por causa de suas inimagináveis grandeza e pequenez, mas ainda porque o raciocínio ordinário o conduz a concluir propriedades, das quais ele é incapaz de compreender como é que elas são.²⁷

Quantidades infinitamente grandes ou infinitamente pequenas estão além de nossa compreensão, mas ainda assim Desargues as utiliza em sua abordagem. A questão da natureza dessas quantidades não é nada simples, mas Desargues aparentemente aceita sua existência:

O [...] entendimento raciocina ainda e conclui [que deve haver] quantidades tão pequenas que suas duas extremidades opostas estão ligadas uma à outra, e se sente incapaz de compreender uma ou outra dessas duas espécies de quantidade [a infinitamente grande e a infinitamente pequena], sem com isso dar base para concluir que uma ou outra não existe na natureza [...]²⁸

²⁶ In R. Taton, op. cit, p. 135.

²⁷ In R. Taton, op. cit, p. 99.

²⁸ In R. Taton, op. cit., p. 179. O termo latino *incomprehensibilis* é tanto aquilo que não pode ser compreendido (entendido) quanto o que não pode ser contido espacialmente. A passagem de Desargues citada anteriormente pode ser interpretada como apresentando esta ambiguidade.

Vale destacar aqui a atitude do matemático que aceita entidades incompreensíveis em prol da generalidade da análise. Tal atitude foi tomada por Desargues – e também por Pascal, do que podemos depreender dos seus escritos sobre as cônicas que nos restaram.

Sobre a projeção do círculo na parábola, Pascal escreve na *Geração das seções cônicas* que “a parábola se estende ao infinito e gera um espaço infinito, embora seja a imagem da circunferência do círculo, que é finita e abarca um espaço finito.”²⁹ Essa correspondência entre um espaço finito e um espaço infinito não é óbvia, o que pode ser visto pelo uso do adversativo *quamvis* (“embora”).³⁰ Um resultado paradoxal, por assim dizer, é portanto aceito por Pascal como existente, ainda que não seja evidente – pois a parábola só poderá corresponder ao círculo se também ela for uma curva fechada, a saber, em um ponto a distância infinita. Ora, lembremos que “um espaço infinito igual ao finito”³¹ era justamente o exemplo de Pascal para algo incompreensível que nem por isso deixa de existir.

Cabe dizer que as outras áreas da matemática nas quais Pascal trabalhou apresentam também interessantes aspectos em relação ao infinito – em particular, suas *Lettres de A. Dettonville* (1658-1659), nas quais apresenta desenvolvimentos que contribuiriam para o cálculo integral. No que diz respeito à aceitação do incompreensível, entretanto, pensamos que a geometria projetiva tem papel de destaque em função da equivalência projetiva proposta entre o finito e o infinito.

É importante ressaltar que a postura desenvolvida por Pascal em relação às matemáticas não se limita a elas. Ainda que Pascal não “aplique” diretamente as matemáticas às suas reflexões sobre o homem e sobre a religião, diversas relações entre ambas podem ser encontradas. Uma delas está na argumentação pascaliana pela aceitação do incompreensível, que ganha um papel *a fortiori* quando se passa da matemática à religião.

Em relação aos argumentos matemáticos que aparecem na apologia pascaliana, “ao contrário do que se poderia pensar”, como indica Dominique Descotes, seu ponto comum

²⁹ Blaise Pascal, *Œuvres Complètes*. Edição de Jean Mesnard. Paris, Desclée de Brouwer, volume II, 1970, p. 1114. Trad. em J. F. N. B. Cortese, “A ‘Geração das seções cônicas’ de Blaise Pascal”, op. cit., p. 170.

³⁰ Destacamos tal fato em João F. N. Cortese, “Infinity between mathematics and apologetics: Pascal’s notion of infinite distance”. *Synthese*, v. 192, 2015, p. 2379-2393.

³¹ Laf. 149/Sel. 182.

não é a ideia de infinito; é que todos eles, de uma forma ou de outra, tendem a mostrar como a mente humana, pelo que ela acha de mais rigoroso em si mesma, ou seja, a matemática, é confrontada com o que vai além dela e a desconcerta. Mas esse feixe de argumentos não visa mais impressionar o incrédulo com as certezas que a razão pode adquirir, mas, ao contrário, *humilhar o pensamento* diante daquilo que o supera.³²

Poder-se-ia pensar que a matemática serviria, tal como aconteceu em diversos sistemas filosóficos, de exemplo para a certeza demonstrativa do pensamento. Na obra de Pascal, ao contrário, o que acontece é um exemplo *negativo* que é transferido de uma área a outra: assim como na matemática é preciso aceitar o incompreensível, também assim deve acontecer na religião.³³ Além disso, como escreve Descotes, tal incompreensível pode ser tanto marca daquilo que supera o homem de modo absoluto, ou seja, o infinito (o qual aparece para Pascal tanto na matemática quanto para qualificar a Deus), quanto daquilo que vai além da compreensão do homem, sem ser necessariamente o infinito em si; em ambos os casos, o incompreensível desconcerta – e mesmo assim deve ser aceito, indicando a postura que o homem deve ter em relação à sua razão: a humildade.

4 Humildade do homem e aceitação do incompreensível

O fragmento Laf. 188/Sel. 220 é iluminador quanto à atitude própria da razão face às suas limitações:

O último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a superam. Ela é apenas fraca se não vai até reconhecer isso.

Que se as coisas naturais a superam, que se dirá das sobrenaturais?

Como vimos, Pascal encontra no seio das matemáticas o fato de que o incompreensível deve ser aceito. É um argumento forte para que, também no que diz respeito às verdades da religião, e à própria condição humana, aceite-se o incompreensível – sob a pena de uma compreensão ainda menor do homem.

³² Dominique Descotes, “Sur les arguments mathématiques dans l’apologie de Pascal”. In: *Révolution Scientifique et Libertinage au XVIIème Siècle*. Ed. A. Mothu. Turnhout, Brepols, 2000, p. 251-273; grifos nossos.

³³ Nesse sentido é que falamos da “comparação dos incomparáveis” como modo argumentativo que atravessa diversas áreas do pensamento pascaliano – João F. N. Cortese, *O infinito em peso, número e medida*, op. cit.

Pascal, como se sabe, foi profundamente influenciado pelo pensamento de santo Agostinho.³⁴ Nesse sentido, pensar a condição humana é necessariamente considerá-la a partir da Queda. O pecado original, assim como a transmissão deste, são cruciais segundo Pascal para que possamos entender o homem (ainda que isso não signifique uma compreensão total). Sobre a transmissão do pecado, Pascal escreve:

Nada por certo nos choca mais rudemente do que essa doutrina. E no entanto, *sem esse mistério, o mais incompreensível de todos, somos incompreensíveis a nós mesmos*. O nó de nossa condição assume as suas dobras e voltas nesse abismo. De maneira que *o homem é mais inconcebível sem esse mistério do que esse mistério é inconcebível para o homem*.³⁵

Pascal não chega a dizer que a incompreensibilidade de tal “mistério” o ajude a “compreender” o mistério – mas escreve que, sem aceitá-la, o homem é ainda “mais inconcebível”. Mais do que propor uma aceitação do incompreensível que faça colapsar a estrutura da razão, Pascal parte do fato de que esta é limitada, de modo que, aceitando o incompreensível, pode-se tornar a realidade (e em particular o homem), por assim dizer, menos incompreensível. A razão nunca nos permitirá compreender tudo. Não é por isso que devemos simplesmente calá-la: ela é, para Pascal, a faculdade que nos permite, em certo sentido, olhar para o negativo da realidade, caminhando para uma certa incompreensibilidade dessa, menor sob um certo aspecto do que uma incompreensão absoluta.

Não se pode deixar de ressaltar que o incompreensível por excelência para Pascal é Deus:

Se há um Deus, ele é infinitamente incompreensível, visto que, não tendo nem partes nem limites, não tem nenhuma relação conosco. Somos, pois, incapazes de conhecer quer aquilo que ele é, quer se ele é. Sendo assim, quem ousará empreender a tarefa de resolver essa questão? Não somos nós, que não temos nenhuma relação com ele.³⁶

O homem, que não tem “nenhuma relação” com Deus, não pode se propor compreendê-lo. Isso não significa, entretanto, que o homem deveria se calar totalmente, no sentido de uma teologia puramente apofática. Assim como no caso da transmissão do pecado,

³⁴ Cf. Philippe Sellier, *Pascal et Saint Augustin*. Paris, Albin Michel, 1995 [1970].

³⁵ Laf. 131/Sel. 164; grifos nossos. Sobre esse fragmento e a condição de incompreensibilidade desse “mistério”, ver também o texto de Luiz Eva neste volume.

³⁶ Laf. 418/Sel. 680.

mais do que entre o compreensível e o incompreensível, encontramos aqui entre duas situações que são ambas incompreensíveis:

Incompreensível que Deus exista e incompreensível que ele não exista, que a alma exista com o corpo, que nós não tenhamos alma, que o mundo seja criado, que ele não seja etc., que o pecado original exista e que ele não exista.³⁷

Também a existência e a inexistência de Deus são ambas incompreensíveis ao homem, de modo que não poderia haver, para Pascal, uma estrita demonstração racional da existência de Deus.³⁸ Sobre esse fragmento, Descotes e Proust comentam que ele

prolonga certas reflexões formuladas no opúsculo *Do espírito geométrico*: às vezes somos confrontados, na investigação, com proposições que são incompreensíveis, mas que não deixam de existir [ver Laf. 149/Sel. 182]. Quando nos deparamos com uma proposição incompreensível, argumenta Pascal neste opúsculo, devemos proceder apagologicamente, considerando a proposição contrária, para mostrar que ela contém um absurdo. Se for esse o caso, podemos afirmar a primeira, por mais incompreensível que pareça. É assim que, embora a divisibilidade do espaço ao infinito pareça inconcebível, partindo-se da hipótese contrária de que o espaço não é infinitamente divisível, chega-se a conclusões absurdas, que levam à conclusão de que a divisibilidade infinita “não deixa de existir”.³⁹

De fato, podemos encontrar nesses raciocínios uma marca do raciocínio apagógico (ou, se quisermos, da demonstração por absurdo).⁴⁰ Não se trata aqui, porém, de um raciocínio que esgota o problema de acordo com Pascal, pois isso seria o caso apenas se só uma das alternativas fosse absurda, implicando na veracidade da outra. Como no caso desses “mistérios” oscilamos entre duas possibilidades que são ambas inconcebíveis, a questão é mais complexa, a razão devendo optar pela aceitação do incompreensível para caminhar por uma via de menor incompreensibilidade.

³⁷ Laf. 809/Sel. 656. Dominique Descotes e Gilles Proust notam que a última frase deste fragmento constitui um acréscimo posterior – *Édition électronique des Pensées de Blaise Pascal*. Análise do fragmento Laf. 149/Sel. 182. Disponível em <http://www.penseesdepascal.fr/APR/APR2-appro325.php> (acesso em 31 de julho de 2023).

³⁸ Sobre os limites demonstrativos do argumento dito da aposta (fragmento Laf. 418/Sel.680), ver, por exemplo, Ricardo Mantovani *Limites da apologia cristã: a razão à procura de Deus em Blaise Pascal*. São Paulo, Garimpo Editorial, 2016, p. 135-149.

³⁹ Dominique Descotes e Gilles Proust, *Édition électronique des Pensées de Blaise Pascal*. Análise do fragmento Laf. 809/Sel. 656. Disponível em <http://www.penseesdepascal.fr/XXIX/XXIX6-moderne.php> (acesso em 31 de julho de 2023). Para uma edição do texto citado de Pascal, ver *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir, e outros escritos de ciência, política e fé*. Org., trad. e notas de Flavio Fontenelle Loque. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017.

⁴⁰ A este respeito, ver Jean-Louis Gardies, *Pascal entre Eudoxe et Cantor*. Paris, Vrin, 1984, p. 118, e Gérard Lebrun, *Blaise Pascal: voltas, desvios e reviravoltas*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 27-28.

Dissemos acima que para Pascal não cabe limitar a realidade em função de nossa capacidade intelectual: o finito não poderia fornecer nunca a métrica para avaliar o infinito. Devemos aqui ler a sequência imediata do fragmento com o qual iniciamos.

Incompreensível.

Nem tudo o que é incompreensível deixa de existir. O número infinito, um espaço infinito igual ao finito.”

Inacreditável que Deus se una a nós.

Essa consideração só é tirada da vista de nossa baixeza, mas se a tendes bem sincera, acompanhai-a tão longe quanto eu e reconheci que somos de fato tão baixos que por nós mesmos somos incapazes de saber se a sua misericórdia não nos pode tornar capazes dele. Porque eu quisera saber de onde este animal que se reconhece tão fraco tira o direito de medir a misericórdia de Deus e colocar-lhe os limites que a sua fantasia lhe sugere. Ele sabe tão pouco o que Deus é, que nem sabe o que ele próprio é. E completamente perturbado pela visão de seu próprio estado, ousa dizer que Deus não pode torná-lo capaz de sua comunicação. Mas eu quisera perguntar-lhe se Deus pede outra coisa dele a não ser que o ame e conheça, e por que ele acha que Deus não pode se tornar cognoscível e amável a ele, já que é naturalmente capaz de amor e de conhecimento. [...] Há, pois, aparentemente, uma presunção insuportável nesses tipos de raciocínios, embora pareçam baseados numa humildade aparente, que não é nem sincera nem razoável se não nos faz confessar que, não sabendo por nós mesmos quem somos, não podemos sabê-lo senão por Deus.⁴¹

O argumento que afirma que Deus é *absolutamente* incognoscível ao homem, sendo de uma “humildade” apenas “aparente”, é na verdade segundo Pascal de uma “presunção insuportável”. Da incompreensibilidade divina, não se pode derivar, para Pascal, que o homem possa afirmar que a compreensão a Deus está além de suas forças – tal atitude seria, também, marca de orgulho,⁴² pois significaria para o homem assinalar limites a Deus. Cabe então suspender a razão, para não afirmar nem uma coisa nem a outra. Mas não de modo absoluto, de maneira que o pirronismo fosse o último passo: tal limitação da razão deve ser acompanhada, segundo Pascal, de uma abertura a Deus.⁴³ Sobre o “realismo” pascaliano, escreve L. Thirouin, ele parece ser

⁴¹ Laf. 149/Sel. 182.

⁴² “Se se quiser dizer que o homem é muito pouco para merecer a comunicação com Deus, é preciso ser bem grande para julgar a esse respeito” (Laf.231/Sel. 263 – texto riscado verticalmente por Pascal).

⁴³ “O homem não é digno de Deus, mas não é incapaz de ser tornado digno dele. É indigno de Deus juntar-se ao homem miserável, mas não é indigno de Deus tirá-lo da sua miséria” (Laf. 239/Sel. 271). Sobre o fragmento Laf. 188/Sel. 220, Dominique Descotes e Gilles Proust escrevem: “Quando [...] alguém se recusa a crer que Deus se abaixa até se proporcionar à baixeza do homem, comete-se um paralogismo e uma contradição. Pois

essencialmente uma posição metodológica, derivada da cultura científica do autor dos *Pensamentos*, uma forma de *modéstia* de princípio por parte do pesquisador diante da realidade: ele está ali para registrar o que é, para encontrar os raciocínios que lhe são adaptados, e não para modificar o objeto a fim de que ele corresponda à ideia. [...] O semi-hábil falseia a realidade: ele não tem essa *humildade* diante do fato, esse momento de aceitação transitória que permite ao cientista voltar à razão.⁴⁴

A limitação da razão, se é marca de humildade e não da afirmação da nossa potência em identificar limites, deve implicar a aceitação da possibilidade de que Deus queira se mostrar a nós. Se de fato Pascal lembra que Deus quis se esconder, é também verdade que Deus se mostra conforme quer se revelar,⁴⁵ em uma tensão entre sombra e luzes que é bem apreendida pela noção pascaliana de figura.⁴⁶ No que diz respeito à razão humana, os limites que ela assinala a si própria são claros quanto à atitude de humildade que isso implica em relação à realidade: nem tudo o que é incompreensível deixa de existir.

REFERÊNCIAS

BAGORY, T. **Pascal ou l'autorité d'un géomètre**. Comunicação no Colóquio para o Quadricentenário no nascimento de Blaise Pascal, Universidade de Bucareste, 20 de maio de 2023.

CORTESE, J. F. N. "Infinity between mathematics and apologetics: Pascal's notion of infinite distance". *Synthese*, v. 192, 2015, p. 2379-2393

CORTESE, J. F. N. Leibniz e o paradigma da perspectiva. *Cadernos Espinosanos*, jan-jun 2016, p. 137-162.

CORTESE, J. F. N. **O infinito em peso, número e medida: a comparação dos incomparáveis na obra de Blaise Pascal**. Tese de doutorado, Universidade de Paris 7 – Denis

nada permite à razão humana, que é finita, pretender mensurar a infinidade divina. Se é verdade que o homem é muito baixo para se elevar por si mesmo até Deus, não é impossível a Deus se revelar ao espírito humano proporcionando-se às suas faculdades" (*Édition électronique des Pensées de Blaise Pascal*, disponível em <http://www.penseesdepascal.fr/Soumission/Soumission23-approfondir.php>, acesso em 31 de julho de 2023).

⁴⁴ L. Thirouin, op. cit., grifos nossos.

⁴⁵ Sobre a manifestação pelo Cristo das provas da corrupção e da redenção humanas, Pascal escreve: "O que aparece aí não marca nem uma exclusão total, nem uma presença manifesta de divindade, mas a presença de um Deus que se esconde. Tudo leva essa característica" (Laf. 449/ Sel. 690).

⁴⁶ Ver por exemplo Gérard Lebrun, "Pascal: a doutrina das figuras" [1962]. In: *A filosofia e sua história*. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

Diderot e Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-08082018-153153/pt-br.php>

CORTESE, J. F. N. B. O ensaio para as cônicas de Blaise Pascal. **Revista Brasileira de História da Matemática**, v. 21, n. 42, 2021, p. 180-205.

CORTESE, J. F. N. B. A “Geração das seções cônicas” de Blaise Pascal. **Revista Brasileira de História da Matemática**, v. 23, n. 46, 2023, p. 158-178.

CORTESE, J. F. N. B. **Infini et Disproportion chez Pascal**. Paris: Honoré Champion, 2023.

DESCOTES, D. & PROUST, G. **Édition électronique des Pensées de Blaise Pascal**. Disponível em <http://www.penseesdepascal.fr/>.

DESCOTES, D. Sur les arguments mathématiques dans l’apologie de Pascal. In: **Révolution Scientifique et Libertinage au XVIIème Siècle**. Ed. A. Mothu. Turnhout: Brepols, 2000.

FIELD, J. V. & GRAY, J. J. **The geometrical work of Girard Desargues**. New York: Springer, 1987.

FRANCISCO, Papa. **Sublimitas et miseria hominis**. 19 de junho de 2023. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20230619-sublimitas-et-miseria-hominis.html

GARDIES, J.-L. **Pascal entre Eudoxe et Cantor**. Paris: Vrin, 1984.

LEBRUN, G. **Blaise Pascal: voltas, desvios e reviravoltas**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEBRUN, G. Pascal: a doutrina das figuras. In: **A filosofia e sua história**. São Paulo: Cosac Naify, 2006 [1962].

MANTOVANI, R. **Limites da apologia cristã: a razão à procura de Deus em Blaise Pascal**. São Paulo: Garimpo Editorial, 2016.

PASCAL, B. **Œuvres Complètes**. Edição de Jean Mesnard. Paris: Desclée de Brouwer, volume II, 1970.

PASCAL, B. **Entretien avec M. de Sacy sur Epictète et Montaigne**. *Original inédit*. Ed. J. Mesnard e P. Mengotti-Thouvenin. Paris: Desclée de Brouwer (Les carnets), 1994.

PASCAL, B. **Pensées**. Ed. P. Sellier, notas de G. Ferreyrolles. Paris: Le livre de poche, 2000.

PASCAL, B. **Pensamentos**. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PASCAL, B. **Conversa com o senhor de Sacy sobre Epiteto e Montaigne**. Tradução de Flavio Loque. São Paulo: Alameda, 2014.

PASCAL, B. **As provinciais**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Filocalia, 2016.

PASCAL, B. **Do espírito geométrico e Da arte de persuadir, e outros escritos de ciência, política e fé**. Org., trad. e notas de Flavio Fontenelle Loque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SELLIER, P. **Pascal et Saint Augustin**. Paris: Albin Michel, 1995 [1970].

TATON, R. **L'œuvre mathématique de G. Desargues**. Paris: Vrin, 1951.

THIROUIN, L. Le réalisme de Pascal. In: **Justice et force**. Politiques au temps de Pascal. Clermont-Ferrand: 1990, p. 347-363.



